

SILENCED SIDES



REGINA FRANK

5 MAIO - 4 JUNHO 2021

SILENCED SIDES

REGINA FRANK: CAMADAS RITUAIS

De múltiplas e delicadas camadas é composto o trabalho de Regina Frank. As suas origens remontam a 1989, à prática da pintura e da gravura combinada com a performance ritualizada. Depois, em 1992, em workshops por si organizados para John Cage, Joan Jonas e Marina Abramovic, esta vertente foi poeticamente ampliada pela prática da performance do bordado ritualizado. A leveza do adorno e do têxtil transmutaram-se num vestido que envolve o busto da artista, aberto em enorme tela redonda na qual se acumulam da pintura ao têxtil, da comida à escultura, da interacção com o espectador de várias partes do mundo que pode ou não nela deixar o seu testemunho.

Esta interacção ampliou-se com a internet e a preocupação com os desastres ambientais e o perigo da insustentabilidade, num diálogo com os espectadores de várias partes do planeta.

Camadas de histórias de civilizações antigas se acumulam aqui, revisitando saberes antigos e ciências actuais, construindo diálogos que se podem transmutar em formas de mandala ou adquirir diferentes expressões, da pintura à tapeçaria, evocando vitrais antigos, construindo uma linguagem de equilíbrio e redescoberta que a recente pandemia, naturalmente, também afectou.

As duas exposições individuais simultâneas que decorrem no Museu Nacional de História Natural e na Galeria António Prates demonstram um trabalho de intensa dedicação desenvolvido entre 1991 e 2021.

Enquanto o Museu se foca na Ciência Silenciosa, trabalho desenvolvido pela artista nos últimos três anos, compondo, crescendo, colando a sua pesquisa científica e espiritual pessoal na forma de vastas tapeçarias e uma instalação na Sala Química Analítica, a exposição na Galeria apresenta os Lados Silenciosos da artista, a sua prática de atelier e o corpo de trabalho desenvolvido durante os dois confinamentos da pandemia. Aquela provocou o retorno da prática inicial da pintura: traços espontâneos, caligrafias, usando tinta japonesa, pintura em acrílico, óleos e até telas centenárias revelam um universo simultaneamente pessoal e cósmico, onde música e silêncio, ciência e espiritualidade, se justapõem. As suas elaboradas tapeçarias, reunindo diversas fontes solares de inspiração, constituem uma paisagem plena de soluções ambientais dispostas em torno de uma singular e esfíngica figura. Todos os seus outros trabalhos são pinturas, por vezes bordadas a fio, outras vezes a preto e branco com cor discreta, ou com cor explosiva de alegria. Outras pinturas são de natureza têxtil, recorrendo a vestidos da filha cosidos a seda bordada, adquirindo relevos delicados.

Esta dualidade poética da exposição e da dicotomia público – privado tem sido constante no percurso colectivo da artista, transmutada nestes tempos pandémicos suspensos em possível resposta para a sua ultrapassagem através de uma metamorfose inerente à prática da performance induzida em ritual meditação colectiva. Ela será reforçada na performance que a artista retomará na própria montra da galeria, na silenciosa lentidão do gesto, quase imperceptível, que é o deste tempo suspenso em que nos encontramos, e nas possíveis respostas para a sua ultrapassagem.

Rui Afonso Santos



LACE OF MEMORY, 1999

Regina Frank

fotografias e palavras em cera de abelha bordada
em organza de seda

//photographs and words in beeswax
embroidered on silk organza

140x405cm



INSIDE XRAY ELECTRICITY, 1994

Regina Frank
tinta japonesa, ouro português s/ papel
// Japanese ink, Portuguese gold on paper
22x54cm

INNER LANDSCAPE TRUST, 1994

Regina Frank
tinta japonesa s/ papel
// Japanese ink, gold on paper
35X68cm

INSIDE XRAY TIME TRAVEL, 1994

Regina Frank
tinta japonesa, ouro português s/ papel
// Japanese ink, Portuguese gold on paper
22x54cm

INNER LAND-SCAPE FEAR, 1994

Regina Frank
tinta japonesa, s/ papel
// Japanese ink, gold on paper
35X68cm



ILAND-PROCESS PROGRESS, 2018

Regina Frank

tapeçaria de algodão egípcio

// Egyptian cotton tapestry

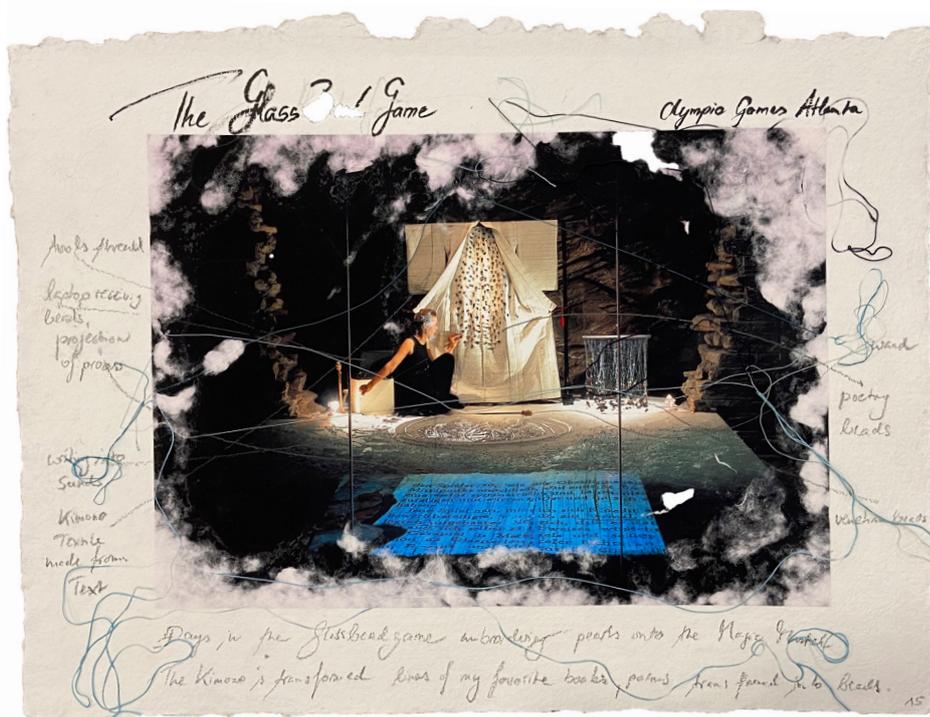
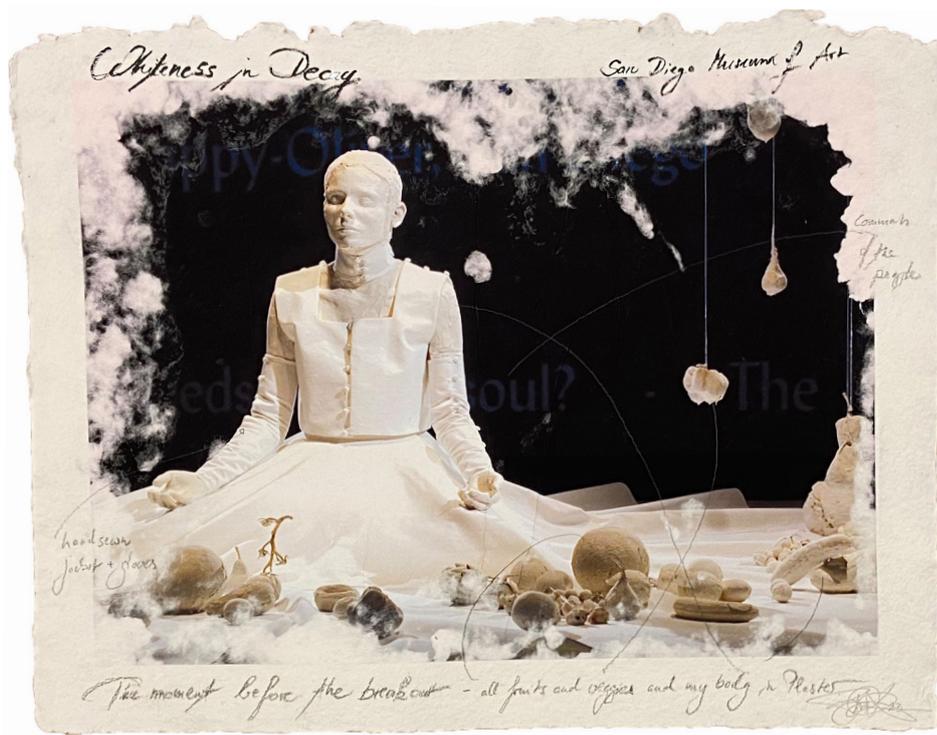
129x222cm



INTO MY WORLD, 2018

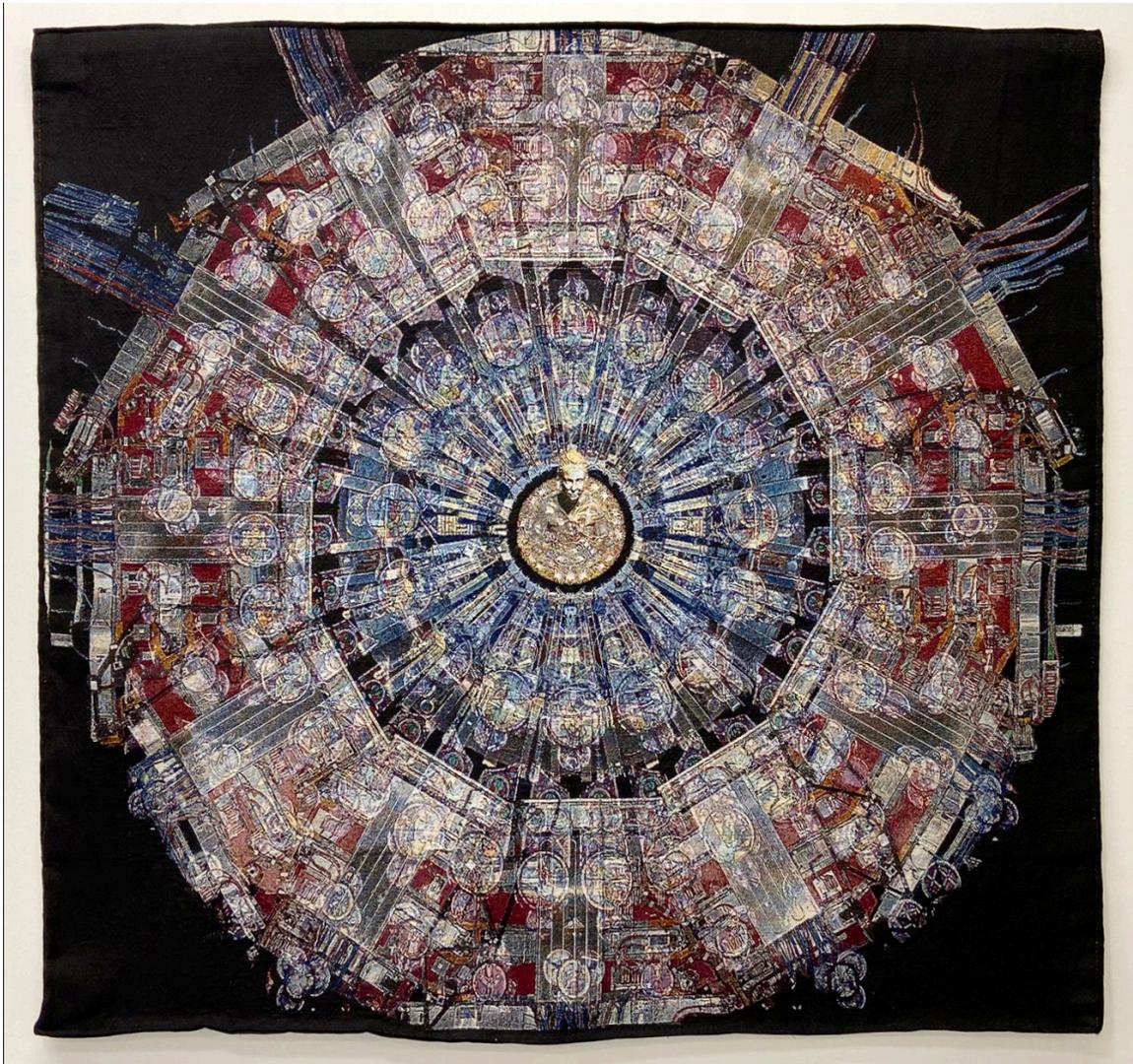
Regina Frank
instalação de desenhos
// installation drawings
dimensões variáveis
variable dimensions





INTO MY WORLD WHITENESS, 2017
Regina Frank
papel feito a mão, foto colagem, grafite
// handmade paper, photo collage, graphite
35x46cm

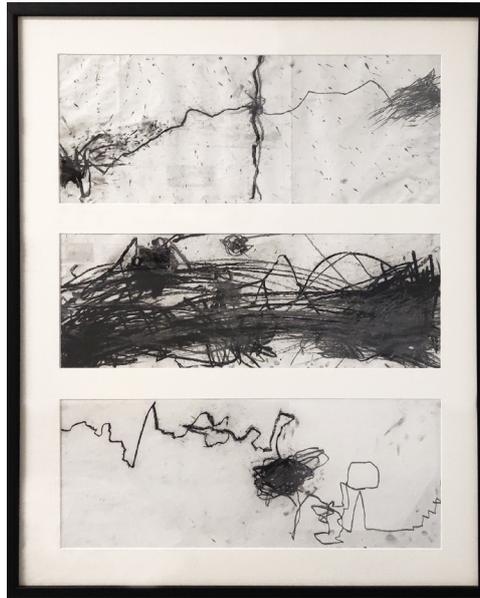
INTO MY WORLD GLASSBEADGAME, 2017
Regina Frank
papel feito a mão, foto colagem, grafite
// handmade paper, photo collage, graphite
35x46cm



COEUR COLLIDER, 2020
Regina Frank
tapeçaria de algodão egípcio (edição 3)
Egyptian cotton tapestry (edition 3)
133x125cm



INSIDE LANDSCAPE RUSHING BY, 1994
Regina Frank
tinta japonesa s/ papel
// Japanese ink on paper
triptico 3x - 21,6x54cm



INSIDE SEISMO-GRAPH, 1994
Regina Frank
grafite s/ papel
// graphite on paper
triptico 2x - 22x54cm
1x - 20x54cm



INSIDE XRAY VERTEBRA, 1994
Regina Frank
tinta japonesa s/ papel
// Japanese ink on paper
triptico 2x - 21,6x54cm
1x - 22x54cm



ABSTRACT ATEM 1,2,3,4,5,6 E 7, 2020

Regina Frank

acrílico, tinta japonesa s/ algodão

// acrylic, japanese ink on cotton

111x45,5cm





LOST IN LISBON, 2020

Regina Frank
acrílico, tinta japonesa em algodão 100 anos de idade
// acrylic, japanese ink on 100 years old cotton
154,5x227cm



BY HEARSAY BLACK, 2001

Regina Frank

fotografias e palavras em cera de abelha bordada
em organza de seda

//photographs and words in beeswax embroidered
on silk organza

130cm de diâmetro



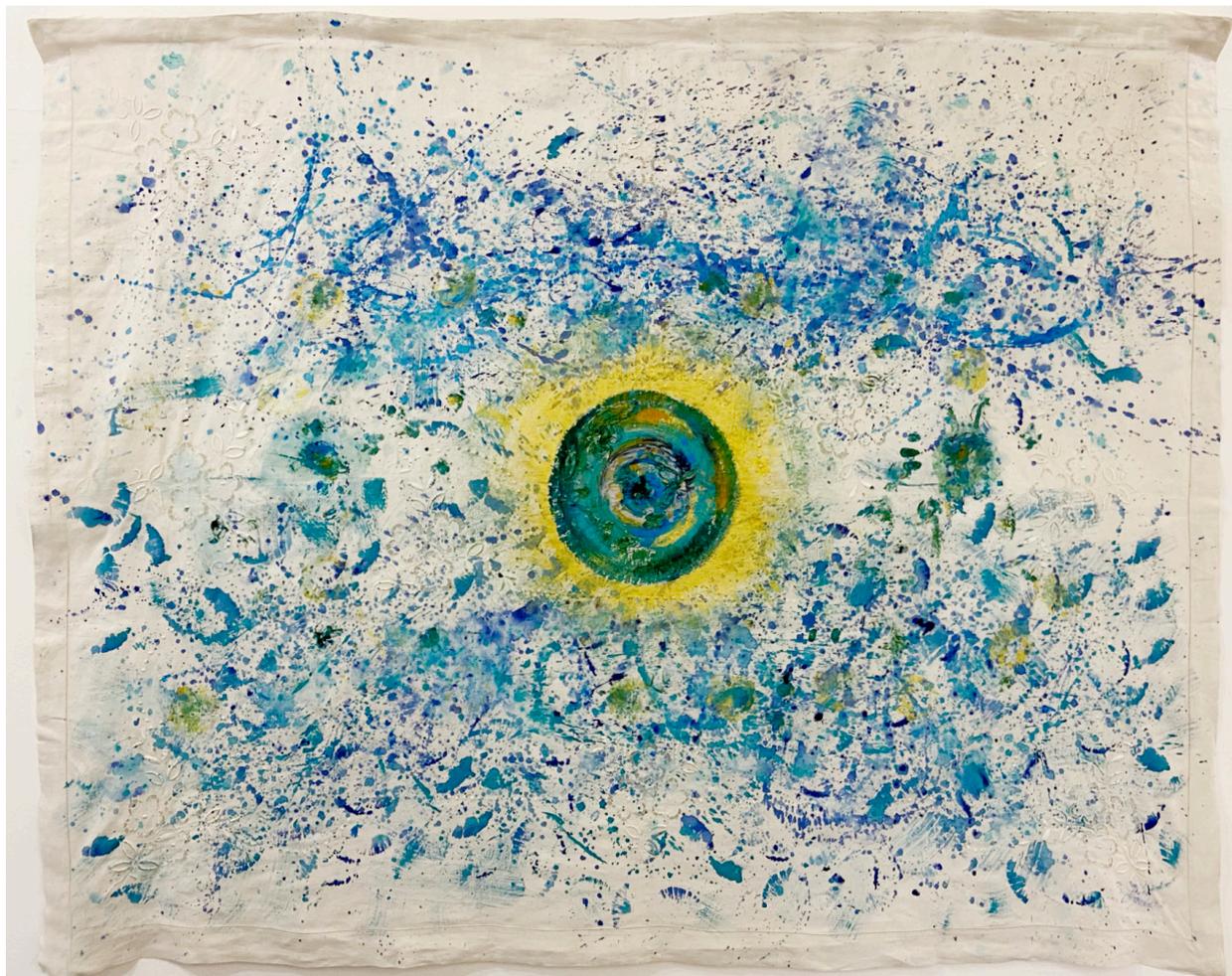
**BEING A MOTHER TO MY DAUGHTER AND A DAUGHTER TO
MY MOTHER, 2017**

Regina Frank

tecidos bordados em cima de feltro

// embroidered fabrics on felt

178x300cm



FLAG FOR ONE WORLD, 2020

Regina Frank
acrílico, tinta japonesa azul, em linho 100 anos de idade
// acrylic, japanese blue ink, on 100 years old linen
148,5x300cm



SILENCING THE MIND, 2021

Regina Frank
Tinta japonesa s/ algodão preparado com tinta
florecente e acrílico
// Japanese ink on cotton prepared with fluorescent
ink and acrylic
54,5x56cm



SILENT SIGN, 2021

Regina Frank
Tinta japonesa s/ algodão preparado com tinta
florecente e acrílico
54,5x56cm



RACHMANINOV REALISASATION, 2020

Regina Frank

óleo, acrílico, tinta japonesa em linho 200 anos de idade

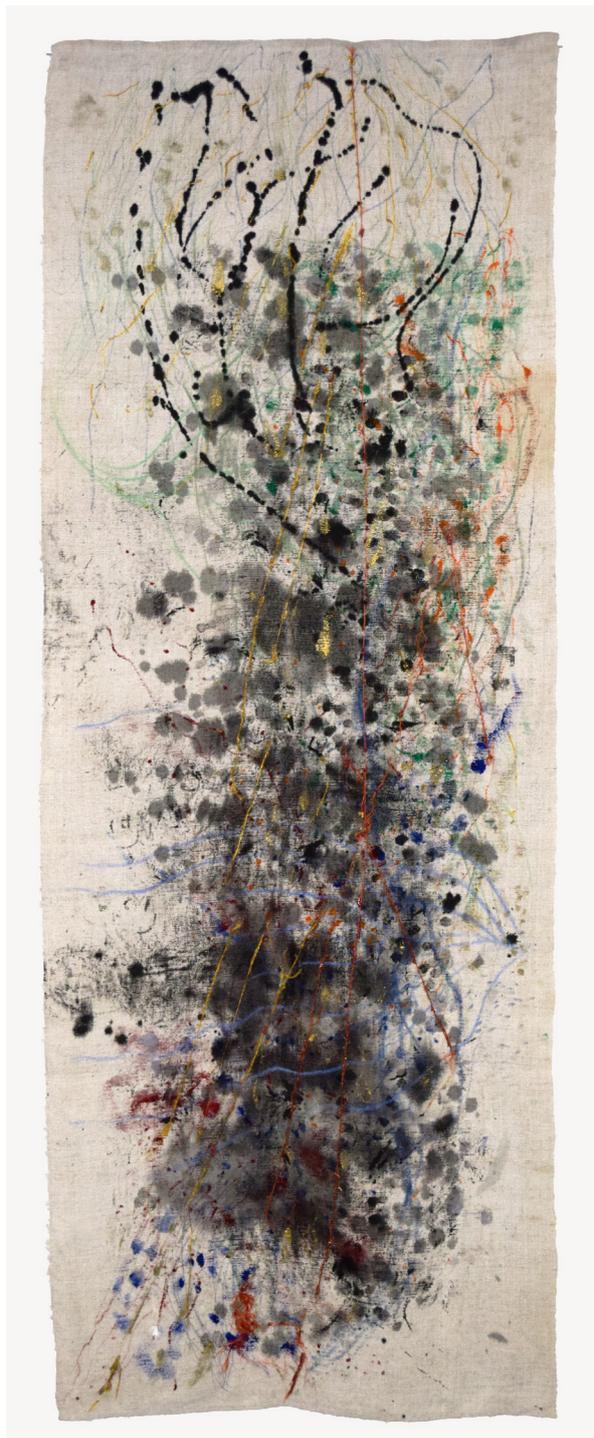
// oil, acrylic, japanese ink on 200 years old linen
181x66cm

BEETHOVEN BUZZ, 2020

Regina Frank

óleo, acrílico, tinta japonesa em linho 200 anos de idade

// oil, acrylic, japanese ink on 200 years old linen
181x67,3cm



PAG 17

RACHMANINOV RUSH, 2020

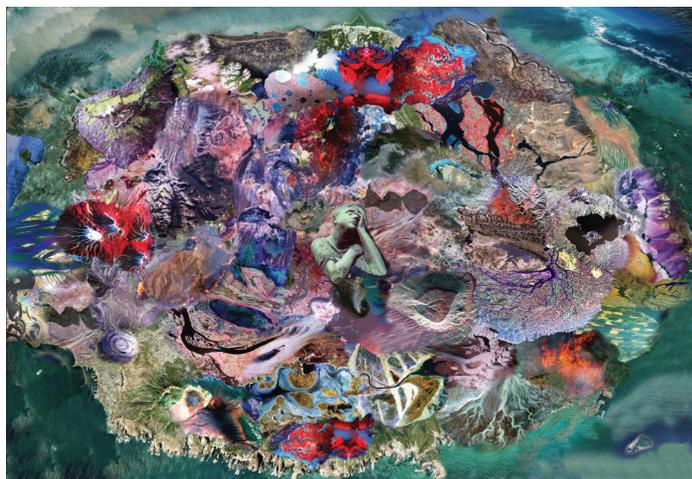
Regina Frank

óleo, acrílico, tinta japonesa em linho 200 anos de idade
// oil, acrylic, Japanese ink on 200 years old linen
103x95cm



EDIÇÕES CPS

Conjunto de edições de fotografia sobre tela, do Centro Português de Serigrafia que assinala 30 anos de Performance da artista em vários museus nos EUA, Ásia e Europa.



1,2
3,4

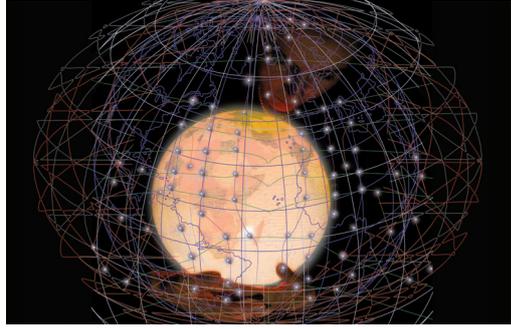
Fotografias sobre tela 70x100cm:

- 1- Sacré Coeur Collider 2020
- 2- i LAND in Health2 2018 MAAT Lisbon
- 3- i LAND magic, 2017 Palácio de Independência
- 4- Mushroom Dress, 1999 Palácio de Dreieich, Frankfurt

Fotografias sobre tela 45 x 70cm

- 5- A-Dress, Winnipeg Art Gallery 1996
- 6- Global Warming, 2008-2009, Performance CO4 Dokumenta, Taiwan, Guangzhou China,
- 7- Hermes' Mistress Performance: 1994-2007: Exit Art + Bronx Museum, New York / MOCA, Los Angeles / Kunsthalle, Berlin / Spiral Wacoal Art Center, Tokyo / Reina Sofia, Madrid / Kampnagel, Hamburg / UNESCO + Fondapol, Paris / Chienku University Taiwan

- 8- i LAND baking, 2013, Musée Paul Valéry
- 9- Mother Mandala, 2020 International Forest Art Path Biennale, Darmstadt
- 10- Natura Mare, 1999, Physician's Auditorium, Charleston, SC (Spoleto Festival)
- 11- Natura Viva 1999, Academy of Arts, Berlim na exposição "The Art of Advertising" with Jeff Koons e outros
- 12- Surprise Human Cell 2021, Cover Image of MUNHAC exhibition Silenced Science - imagem de capa da exposição.
- 13- iLAND surrounding surveillance, 2019, Teufelsberg Berlim
- 14- Translucent Darkness, 2013, Jardim do Palácio Darmstadt



"SILENT SCIENCE"
MUNHAC - Museu de História Natural e Ciência



1,2,3



4,5,6



7,8,9

- 1-ALONE ALL ONE, tapeçaria de algodão egípcio (edição 3), 202x133cm, 2019
- 2-CITY BUG, tapeçaria de algodão egípcio, 133x101cm, 2019
- 3-HCA-DRESS, bordado único, 133x125cm, 2020
- 4- I LAND IN PEACE, tapeçaria de algodão egípcio, 202x133cm, 2019
- 5- INNER EYE, tapeçaria de algodão egípcio, 133x78cm, 2019
- 6- ILAND-PROCESS PROGRESS, tapeçaria de algodão egípcio, 133x111cm, 2020
- 7-MEMORY LANDSCAPE INNOCENT, algodão bordado, 202x144cm, 2019
- 8-TEMPLE TAKE, tapeçaria de algodão egípcio, 133x101cm, 2020
- 9-IN THE FLOW, acrílico, tinta japonesa em algodão, 188x161cm, 2019

O mundo de Regina Frank

A exposição *Silenced Science* da artista plástica alemã Regina Frank realiza-se no Laboratório de Química Analítica e na Sala Azul do Museu Nacional de História Natural e da Ciência e na Galeria António Prates intitulada *Silenced Sides*. Com estas exposições a artista pretende criar um jogo de equilíbrio entre a instalação, a pintura e o desenho, jogando com o seu limite e onde o desvaneio artístico protagonizado pelos objectos criados, se presente. “Analisar instante por instante, perceber o núcleo de cada coisa feita de tempo ou de espaço. Possuir cada momento, ligar a consciência a eles, como pequenos filamentos quase imperceptíveis mas fortes. É a vida? Mesmo assim ela me escaparia. Outro modo de captá-la seria viver. Mas o sonho é mais completo que a realidade, esta me afoga na inconsciência. O que importa afinal: viver ou saber que se está vivendo?” (Clarice Lispector, in: *Perto do Coração Selvagem*). Os lugares são somatórios de vidas, de factos e de tempos que criam realidades e histórias, onde por vezes o destino aparece e materializa-se.

Regina Frank é uma artista plástica com preocupações ambientalistas, cria os objectos artísticos com restos de tecidos adquiridos nas suas viagens como amostras arrancadas de um diário. A sua narrativa relaciona a quarentena da gripe espanhola de 1920 com o nosso confinamento de 2020 e o seu o amor de 3020, tudo se repete. Citando a artista, “Por termos abandonado o amor, sentimos que devemos controlar. Como não podemos controlar, apegamos-nos aos controles remotos. A televisão substitui a visão interior e o telefone mata a telepatia. Não viver no amor dá-nos medo. Sentirmo-nos separados aumenta a dor de não estarmos inteiros e de nos apaixonamos por analgésicos para acabar com nosso sofrimento, em vez de acabar com a separação. Estamos presos na cruz do espaço e do tempo, mas prontos para sair de nosso casulo e voar como uma borboleta.”

A sua reflexão filosófica é materializada nestes trabalhos onde agora o importante é o contexto em que vivemos, a arte sociológica. A arte como comunicação da transferência do artista para o espectador e enaltecendo a estética do observador. Segundo Clemente Greenberg, só podemos utilizar a palavra arte quando existe experiência com o objecto, só julgamos o que experimentamos e só podemos dizer arte quando experimentamos. O trabalho de Regina Frank parte da tradição formal e linguística da arte figurativa conceptual que acaba conscientemente por se consumir na exposição *Silenced Science* contando as suas histórias de viagens.

O conceito e a ideia da exposição não vão no sentido metafísico da rigidez conceptual, mas sim direccionados para as questões ambientais e vivenciais de Regina Frank, onde a Arte e a Ciência se encontram e se complementam. O tempo presente é sensível, estamos entre o esquecimento e a memória, pretendendo a artista que a exposição valorize a comunicação com o espectador e este faça parte dela como é o caso, mas não só, das suas performances. “Uma obra de arte exige trabalho e esforço do público, não pode ser apenas mais um sedutor espectáculo para preguiçosos. Ela não deve menosprezar o espectador, tem de o ajudar a defender a sua dignidade nesta era de massificação, banalização, frivolidade, superficialidade, efemeridade mediática, consumismo desenfreado e sensacionalismo que espelham a vacuidade dos desígnios desta civilização do espectáculo que nos habituámos a aceitar com passiva indiferença.” (Rui Chafes, in: *Entre o Céu e a Terra*). Com esta convivência e dinâmica, os objectos artísticos recriam-se e constroem novos discursos, onde as reacções declinam o seu trajecto e descobrem uma nova trajectória.

A exposição é homogenia com fragmentações essencialmente tácteis, Regina Frank cria paisagens de tecido, utilizando materiais usados onde a combinação de elementos têxteis; brocados, rendas, organzas, com materiais naturais, originam obras de uma sensibilidade que nos remetem para as memórias da sua vida, quer sejam casamentos, funerais ou simples caminhadas. As imagens andam entre o reconhecível e o irreconhecível, tal como o que se passa com a Atlântida, entre o real e o fantástico. Citando a artista, “além disso tratam da poluição, a indústria têxtil como o 2º maior poluidor, os combustíveis fósseis, dos eletrônicos etc., como um novo problema desde a década de 1980 evoluindo cada vez mais rápido. Todas as memórias são escritas à mão e mergulhadas em objetos semelhantes a cera.” O artista é alguém que vê e que sente, por isso coloca o mundo em incandescência. Continuando a citar a artista,

A arte é portadora da percepção do movimento, não de um só instante, mas o intervalo entre todos os instantes. A sua duração é o passar do tempo coeso e indivisível, não quantitativo como é para a ciência. “Somos tão fugazes na nossa passagem, que não podemos esquecer os sinais dos que passaram antes de nós, devendo prever espaços para os sinais de quem vem a seguir, sem deixar nunca de colocar os nossos; eles balizarão a nossa cultura, eles serão a memória do tempo que foi o nosso.” (José Aurélio, in: *Sinais de Culturas, Estatuaria e Escultura de Lisboa / Roteiro CML*. 2005.)

The HeArt is Present in Silence

As duas exposições individuais Silenced Science no Museu De História Natural e Silenced Sides da Galeria António Prates apresentam a artista Regina Frank com exemplos de trabalhos realizados entre 1991 a 2021. Enquanto na exposição do MUHNAC o foco é na Silenced Science (Ciência Silenciada), trabalho que a artista desenvolveu nos últimos 3 anos compondo e colando a sua pesquisa científica e espiritual em grandes tapeçarias na Sala Azul e uma instalação na Sala Química Analítica, a sala de química, a exposição na Galeria apresenta, Silenced Sides, os Lados Silenciados da artista, a sua prática de atelier e o conjunto de trabalho que desenvolveu durante o primeiro e o segundo confinamento da pandemia.

Quando entramos no CPS, vemos algo muito diferente do habitual. Os dois irmãos João Prates e António Prates aceitaram o desafio de fazer o que foi feito por pouquíssimos artistas de performance famosos como Marina Abramovic e por artistas de instalação como Christo. Escolheram imprimir uma seleção de imagens das que mais gostaram, apresentando os 28 anos das performances em museus e em espaços públicos da artista Regina Frank. Quando se olha de perto, as fotos são, na realidade, pinturas no espaço. Muitas vezes meticulosamente retocadas, sempre perfeitamente iluminadas e frequentemente composições montadas, falam de uma profunda dedicação de uma artista que encontrou lar em seus "adereços". Vestidos que não se tornaram apenas sua marca registrada ou cartão de visita, mas também um símbolo profundo do lar, da casa do caracol ou do casulo da lagarta, com a finalidade última de se metamorfosear na liberdade simbólica de uma borboleta.

Sem casa própria, a artista viajava de performance em performance, armazenando as suas instalações, se não as vendesse a um museu, na casa da sua mãe, irmãos e amigos de confiança. Tudo o que ela tinha era uma chávena de chá de vidro, lençóis de seda vermelha e um fato com dois pares de calças e alguns tops pretos para vestir, viajando como artista em residência para o ashram focando-se no que é importante: O Coração está Presente, transformando a performance numa meditação pública, ficando por vezes sentada até 49 dias no mesmo lugar, fazendo tudo o que seu conceito exigia, viajando até 28 anos até à realização.

Assim que nos aproximamos das escadas, conhecemos outra artista. Quase que não acreditamos que seja a mesma Regina Frank que conhecemos descendo do CPS para a Galeria António Prates. Ela começou a pintar e a fazer performance quando tinha 4 anos, mas a fragilidade do seu corpo confinou-a durante muitos anos a uma amizade exclusiva com seu pincel, com o qual ela criaria o seu próprio mundo. Quando entrou na Universidade de Belas Artes de Berlim, estava a descobrir a gravura e a fotografia e adorava. Ela era uma aluna tão dedicada a experimentar serigrafia, gravura, litografia e fotografia, que se tornou tutora na área e por vários anos auxiliou o seu professor e deu aulas técnicas. Mais tarde, ela fundou com outros alunos uma organização chamada Interflugs e começou a organizar workshops e palestras para artistas inspiradores e de renome como John Cage, Joan Jonas, Marina Abramovic e muitos outros. Foi neste contexto que foi encorajada a aventurar-se na performance e a partir de 1993, com a sua primeira apresentação no exterior no New Museum of Contemporary Art, desistiu da pintura e da impressão e viajou como artista de performance.

À medida que descemos as escadas, entramos na carreira atual e passada da artista como pintora dedicada. Essa prática retomada durante a pandemia foi um passo essencial para a mulher. Lá embaixo é como se descobríssemos a dança do ritmo, a profundidade da meditação e a diligência da criação. Canal espontâneo, escrita caligráfica, utilizando tinta japonesa, tinta acrílica, óleos e linhos vintage já valiosos, a artista fala-nos do seu mundo interior, repleto de música e misticismo, silêncio, ciência e espiritualidade, ritmo e rima, alegria e justaposição. Escolhendo algumas obras de 1991 mas uma maioria de 2018 - 2021, vemos uma artista que voltou às suas raízes através da solidão da pandemia. Os 30 anos de investigação artística levaram-na a tapeçarias elaboradas, compostas por projetos de ciência altamente sofisticados como o Hadron Collider of Cern e a janela de criação de Notre Dame de Paris (Sacré Coeur Collider), e uma paisagem repleta de questões e soluções ambientais composta em torno de uma figura escultórica central que não sabemos se está de luto, em agonia ou rindo com a cabeça para trás (iLAND).

Todas as outras obras são pinturas, muitas vezes com fios, às vezes em preto e branco com apenas um toque de cor, na maioria das vezes explosões de cor expressando uma alegria intensa. Colagens poéticas mostram fotos de entardeceres e praias com plantas colhidas, detalhes das suas tapeçarias e fotos das suas performances, costuradas diretamente na parede. Como a artista ficou sem tintas e telas durante o confinamento, ela começou a usar alguns vestidos doados, alguns da sua filha, alguns do seu próprio armário, cortou-os e costurou-os com grandes fios de seda coloridos em lençóis cuidadosamente guardados ou em tecidos encontrados. As roupas coloridas tornaram-se a sua tinta e as composições de tecido tornaram-se relevos em superfícies quase escultóricas. Aqui e ali, descobrimos alguns fios de ouro, purpurina ou joias tecidas nos lençóis ásperos ou nos lençóis de algodão finos, criando um contraste cintilante com a tela desprezível.

Quanto mais se olha, mais se descobre, que uma boa impressão inicial pode levar a muitas revelações sobre a artista, mas também sobre o nosso mundo em geral. Conhecendo a Regina desde a mais tenra idade, seguindo seus empreendimentos artísticos com paixão, muitas vezes comprando, outras vendo apenas a reprodução digital, financiando sua próxima aventura ou viajando para suas inaugurações, fico sempre surpreendida ao desempacotar o pacote, pelo qual anseio, às vezes por meses. Ela continua a surpreender-me e a assustar-me e onde quer que ela vá, devo ter pelo menos uma pequena peça das suas visões.

Regina Frank e os seus duplos

Conheci a Regina Frank, um pouco por acaso, quando nos cruzámos neste universo que é a arte e os seus agentes. Eu, na qualidade de curadora e investigadora, Regina enquanto artista e performer.

No universo há caminhos que se ligam por obra divina; são inesperados, desconhecidos. Foi há já quase dois anos que visitei o seu estúdio pela primeira vez. Regina guiou-me cuidadosamente a cada uma das peças que ali se estendiam no chão, na parede, ou abrindo caixas misteriosas, onde palimpsestos de trabalho se desdobravam – ora em papel, ora em fotografia; outros materiais eram ali como colocados nas imagens, como se quisessem falar do próprio corpo da artista.

Observei à primeira vista e com espanto que a sua arte recorria sempre a uma relação com a memória do seu corpo e à presença remanescente e cíclica do passado pessoal.

A performance de Regina é, em traços gerais, uma constante tecedura das suas recordações que não podem ser vistas separadas do mundo, da natureza e dos espaços que habita.

Durante este tempo, acompanhei a Regina Frank em vários dos seus projetos, sempre relacionados com exposições em que ambas colaborámos. Nesta fase concreta da pandemia, Regina voltou-se para o espaço natural, extraíndo dele ideias, imagens, energias, sons, cores que marcam o seu trabalho mais recente.

Agora, Frank inaugura duas exposições em simultâneo: “Silenced Sides” na Galeria António Prates e “Silenced Science”, no MUNHAC, abrindo ambas com performances que caracterizam o espaço, a sua ocupação e papel na sociedade.

Em “Silenced sides” um aspeto importante da sua obra surge - esse isolamento abraçado pelo espaço natural – no regressar à Pintura e às vibrações físicas da matéria nativa. Impelida a utilizar alguns elementos da sua criação têxtil: os fios, os materiais colados, os bordados e tecidos com imagens estampadas assumiram um papel importante na composição plástica bidimensional, não perdendo, no entanto, a sua dimensão volumétrica e multissensorial, que o seu trabalho tem sempre manifestado. “O silêncio é de ouro”; e a criação artística de Regina tem essa qualidade vibracional de comunicar a partir dos materiais e dos gestos, tal como na dança que traz para a presença a energia do artista.

No Museu de História Natural, o “Silêncio da ciência”, preso nos objetos da história natural, é reinterpretado por Regina Frank como uma viagem da humanidade à sua história social e emocional. Através de uma instalação – the objects tell a story – Regina inventa um tempo futuro de 1010 anos. Investe numa arqueologia dos objetos presentes para relatar e fazer um caminho revertido de como nós próprios justificamos a nossa história. Retiro do traço da sua personalidade artística uma cornucópia de intenções – o terreno fértil das suas criações estende-se e multiplica-se, pondo em evidência as tensões que existem entre a arte e a ciência – objetos que falam da nossa relação com o meio ambiente; questionando os meios de subsistência em vários períodos históricos e a aprendizagem que cada um de nós, enquanto espectador, apreende, ao refletir sobre a sua existência.

Elisa Ochoa
Curadora de Arte & Investigadora



REGINA FRANK: RITUAL LAYERS

Regina Frank's work is composed of multiple and delicate layers.

Its origins date back to 1989, to the practice of painting and engraving combined with the silent presence.

Then, in 1992, in workshops organized by her for John Cage, Joan Jonas and Marina Abramovic, this aspect was poetically expanded by the practice of performing ritualized embroidery. The lightness of the adornment and the textile were transformed into a dress that wraps around the artist's bust, opened on a huge round canvas on which accumulates from painting to textiles, from food to sculpture, from interaction with the viewer from various parts of the world who may or may not leave his testimony in it.

This interaction has expanded with the internet and the concern with environmental disasters and the danger of unsustainability, in a dialogue with viewers from various parts of the planet.

Layers of stories from ancient civilizations accumulate here, revisiting ancient knowledge and current sciences, building dialogues that can be transmuted into mandala shapes or acquire different expressions, from painting to tapestry, evoking ancient stained glass, building a language of balance and rediscovery that recent pandemic, of course, has also affected.

The two simultaneous solo exhibitions that take place at the National Museum of Natural History and at the António Prates Art Gallery show a work of intense dedication developed between 1991 and 2021.

While the Museum focuses on Silent Science, work developed by the artist in the last three years, composing, adding, pasting her personal scientific and spiritual research in the form of vast tapestries and an installation in the Analytical Chemistry Room, the exhibition at the Gallery presents the artist's Silenced Sides, her studio practice and the body of work developed during the two pandemic lockdowns. That caused the return of the initial practice of painting: spontaneous strokes, calligraphies, using Japanese ink, acrylic painting, oils, and even centuries-old canvases reveal a universe that is simultaneously personal and cosmic, where music and silence, science, and spirituality, are juxtaposed. Her elaborate tapestries, bringing together several solar sources of inspiration, constitute a landscape full of environmental solutions arranged around a singular and spherical figure. All her other works are paintings, sometimes embroidered with thread, other times in black and white with discreet color, or with an explosive color of joy. Other paintings are of a textile nature, using her daughter's dresses sewn on embroidered silk, acquiring delicate reliefs.

This poetic duality of the exhibition and of the public - private dichotomy has been constant in the artist's collective journey, transmuted in these pandemic times suspended in a possible response to her overcoming through a metamorphosis inherent to the practice of performance induced in collective meditation ritual.

It will be enhanced in the performance that the artist will resume in the gallery's own showcase, in the silent slowness of the gesture, almost imperceptible, which is that of this suspended time in which we find ourselves, and in the possible responses to its overtaking.

Rui Afonso Santos

The World of Regina Frank

The solo exhibition Silenced Science by the German artist Regina Frank takes place at the Analytical Chemistry Laboratory and at the Blue Room of the National Museum of Natural History, almost at the same time António Prates Art Gallery presents another solo exhibition from Regina Frank entitled Silenced Sides. With these two exhibitions, the artist intends to create a game of balance between installation, painting, and drawing, playing with her limit and where the artistic delusion led by the objects created is felt. "To analyze instant by instant, to perceive the core of each thing made of time or space. To possess each moment, to connect the consciousness to them, like small filaments almost imperceptible but strong. Is it life? Still, she would escape me. Another way to capture it would be to live. But the dream is more complete than the reality, it drowns me into unconsciousness. What matters after all: to live or to know that one is living?" (Clarice Lispector, in: Close to the Wild Heart). Places are the sum of lives, facts and times that create realities and stories, where sometimes destiny appears and materializes.

Regina Frank is a visual artist with environmental concerns, she creates artistic objects with the remains of fabrics acquired in her travels as samples taken from a diary. Her narrative relates the Spanish flu quarantine of 1920 to our lockdown of 2020 and her love of 3020, everything repeats itself. Quoting the artist, "Because we have abandoned love, we feel that we must control. Since we cannot control, we stick to the remote controls. Television replaces inner vision and the telephone kills telepathy. Not living in love makes us afraid. Feeling separated increases, the pain of not being whole and falling in love with painkillers to end our suffering, instead of ending the separation. We are stuck on the cross of space and time, but ready to come out of our cocoon and fly like a butterfly."

Her philosophical reflection is materialized in these works where now the important thing is the context in which we live, the sociological art. Art as communication of the transference of the artist to the spectator and extolling the aesthetics of the observer. According to Clemente Greenberg, we can only use the word art when there is experience with the object, we only judge what we experience, and we can only say art when we experience it. Regina Frank's work starts from the formal and linguistic tradition of conceptual figurative art that consciously ends up being consummated in the Silenced Science exhibition telling her travel stories

The concept and idea of the exhibition do not go in the metaphysical sense of conceptual rigidity but are directed towards Regina Frank's environmental and experiential issues, where Art and Science meet and complement each other. The present time is sensitive, we are between oblivion and memory, with the artist intending that the exhibition values communication with the viewer and the latter be part of it as is the case, but not only, of her performances. "A work of art requires work and effort from the public, it cannot be just another seductive spectacle for lazy people. It must not underestimate the spectator, it must help him to defend his dignity in this era of massification, trivialization, frivolity, superficiality, media ephemerality, unbridled consumerism and sensationalism that mirror the vacuity of the designs of this civilization of the show that we have become accustomed to accept with passive indifference." (Rui Chafes, in: *Between Heaven and Earth*). With this coexistence and dynamics, artistic objects recreate and build new discourses, where reactions decline their path and discover a new trajectory.

The exhibition is homogeneous with fragmentations essentially tactile, Regina Frank creates landscapes of fabric, using used materials where the combination of textile elements; brocades, lace, organza, with natural materials, originate works of a sensitivity that remind us of the memories of her life, whether weddings, funerals, or simple walks. The images go between the recognizable and the unrecognizable, just like what happens with Atlantis, between the real and the fantastic. Quoting the artist, "they also deal with pollution, the textile industry as the 2nd largest polluter, fossil fuels, electronics, etc., as a new problem since the 1980s, evolving faster and faster. All memories are handwritten and immersed in wax-like objects." The artist is someone who sees and feels, that is why she puts the world on fire. Continuing to quote the artist, Art is the carrier of the perception of movement, not just in an instant, but in the interval between all instants. Its duration is the passage of time cohesive and indivisible, not quantitative as it is for science. "We are so fleeting in our passage, that we cannot forget the signs of those who passed before us, and we must provide spaces for the signs of those who come next, never forgetting to place ours; they will guide our culture, they will be the memory of the time that was ours." (José Aurélio, in: *Signs of Cultures, Statuary and Sculpture of Lisbon / CML script. 2005.*)

Sofia Marçal

The HeArt is Present in Silence

The two solo- exhibitions *Silenced Science at the Museum of Natural History* and *Silenced Sides at Galeria Antonio Prates* feature the artist Regina Frank with examples of work created from 1991 until 2021. While the MUHNAC is focusing on *Silenced Science*, work the artist developed in the past 3 years composing and collaging her scientific and spiritual research into large tapestries in the Blue Room (Sala Azul) and an installation in the Sala Quimica Analytica, the chemistry room, the exhibition at the Gallery shows the *Silenced Sides* of the artist, her studio practice and the body of work she developed during the first and second lockdown of the pandemic.

When we enter the CPS we see something very different this month. The two brothers João Prates (CPS) and Galeria Antonio Prates took on the challenge to do what was done for very few famous performance artists like Marina Abramovic and installation artists like Christo. They chose to print a selection of images, the brothers were most attracted to, featuring 28 years performing in museums and in public space of the artist Regina Frank. When you look closely the photographs are actually paintings in space. Often meticulously retouched, always perfectly lit, and frequently montaged compositions, they speak of a deep dedication of an artist that found home in her "ad-dresses". Dresses that didn't only become her trademark or visit-card but also a deep symbol for home, for the personal snail house or caterpillar cocoon in order to achieve metamorphosis to the symbolic freedom of a butterfly.

Without an actual home the artist travelled from performance to performance storing her installations if not sold to a museum at her mother's and sibling's and trusted friend's homes. All she had was a glass tea cup, red silk sheets and one suit with two pairs of pants and a few black tops to wear, travelling from artist in residence to ashram focusing on what is important: *The HeART is Present*, transforming performance into a public meditation, sometimes sitting for as long as 49 days in the same place doing whatever her concept required with travelling as long as 28 years until completion.

Once we approach the staircase we get to know another artist. It is hardly believable that it is the same Regina Frank we get to know descending from CPS into the Galeria Antonio Prates. She had started painting and performing when she was 4 years old, but the frailty of her body confined her to many years of sole friendship with her paintbrush with which she would create her own little world. When she entered the University of Fine Arts in Berlin she was discovering printmaking and photography and loved it. She was such a dedicated student experimenting silkscreen, lithography etching and photography, that she became tutor in the field and for several years assisted her professor and gave classes in the techniques. Later she founded with other students an organisation called Interflugs and started to organise workshops and lectures for renowned inspiring artists like John Cage, Joan Jonas, Marina Abramovic and many more. Here she was encouraged to venture into performance and from 1993 with her first performance abroad at the New Museum of Contemporary Art she gave up painting and printing and travelled as a performer.

As we step down the staircase, we step into the current and past career of the artist as a dedicated painter. This practice taken up again during the pandemic was an essential step for the woman. Down there it is as if we discover the dance of rhythm, the depth of meditation, and the diligence of creation. Spontaneous ductus, calligraphic writing, using Japanese ink, acrylic paint, oils and already highly valuable vintage linens, the artist tells us of her inner world, filled with music and mysticism, silence, science and spirituality, rhythm and rhyme, joy and juxtaposition. Choosing some works from 1991 and most works from 2018 - 2021 we see an artist that found back to her roots through the solitude of the pandemic. The 30 years of artistic investigation brought her to elaborate tapestries, composed of such highly sophisticated science projects like the Hadron Collider of Cern and the window of creation of Notre Dame de Paris (Sacré Coeur Collider), and a landscape full of environmental issues and solutions composed around a central sculptural figure that we don't know if she is mourning or in agony or laughing holding her head backwards (iLAND).

All the other works are paintings, often with threads, sometimes black and white with just a hint of color, most times explosions of color expressing intense joy. Poetic collages show photographs of sunsets and beaches with collected plants, details of her tapestries and photographs of her performances, sewn directly onto the wall. As the artist ran out of paint and canvases during the pandemic's lockdown, she started to use some donated the dresses, some from her daughter, some from her own closet, cut them up and stitched them with large coloured silk yarns onto carefully kept bedsheets or found fabrics. The coloured clothing became paint and the compositions from fabric turned into reliefs almost sculptural surfaces. Here and there we discover some gold thread, glitter or jewels woven into the the rough linens or fine cotton sheets creating a glittery contrast to the unpretentious canvas.

The more one looks the more one discovers, an initial good impression can lead to a many revelations about the artist but also our world in general. Having known Regina since her early childhood, following her artistic endeavours with passion, often buying seeing only the digital reproduction, financing her next adventure, or travelling to her openings, I am always stunned when I unpack the package, which I am looking forward to sometimes for months. She continues to surprise and startle me and wherever she goes I must have at least a little piece of her visions.

Kalyani Devi

Regina Frank and her doubles

I met Regina Frank, a little by chance, when our paths crossed in this universe that is art and its agents. Me, as curator and researcher, Regina as an artist and performer.

There are paths in the universe that are linked by divine work; are unexpected, unknown. It has been almost two years since I visited her studio for the first time. Regina guided me carefully to each one of the pieces that lay there on the floor, on the wall, or opening mysterious boxes, where work palimpsests unfolded - sometimes on paper, sometimes in photography; other materials were there as if placed in the images, as if they wanted to talk about the artist's own body.

I noticed at first sight and with astonishment that her art always resorted to a relationship with the memory of her body and the reminiscent and cyclical presence of the personal past.

Regina's performance is, in general, a constant weave of her memories that cannot be seen separately from the world, nature and the spaces she inhabits.

During this time, I accompanied Regina Frank on several of her projects, always related to exhibitions in which we both collaborated. At this particular stage of the pandemic, Regina turned to the natural space, drawing out ideas, images, energies, sounds, colors that mark her most recent work.

Now, Frank opens two exhibitions simultaneously: "Silenced Sides" at Galeria António Prates and "Silenced Science", at MUNHAC, opening both with performances that characterize the space, its occupation and role in society.

In "Silenced Sides", an important aspect of her work emerges - that isolation embraced by the natural space - in returning to Painting and to the physical vibrations of native matter. Impelled to use some elements of her textile creation: the threads, the glued materials, the embroideries, and fabrics with printed images assumed an important role in the two-dimensional plastic composition, without losing, however, its volumetric and multisensory dimension, that her work has always manifested.

"Silence is golden"; and Regina's artistic creation has this vibrational quality of communicating from materials and gestures, as in dance that brings the artist's energy to the presence.

At the Natural History Museum, the "Silence Science", trapped in the objects of natural history, is reinterpreted by Regina Frank as a journey of humanity to her social and emotional history. Through an installation - the objects tell a story - Regina invents a future time of 1010 years. She invests in an archeology of the objects present to report and make a reversed path of how we justify our history. I draw from the trace of her artistic personality a cornucopia of intentions - the fertile ground of her creations extends and multiplies, highlighting the tensions that exist between art and science - objects that speak of our relationship with the environment; questioning the means of subsistence in various historical periods and the learning that each one of us, as viewers, seizes when reflecting on our own existence.

Elisa Ochoa
Art Curator & Researcher

REGINA FRANK



Meßkirch, Alemanha . 1965

O trabalho de Regina Frank está representada em numerosos museus, coleções privadas assim como, em muitos livros de história de arte, jornais e revistas. Já apresentou a sua obra na Europa, EUA e Ásia, com projetos completos no:

Novo Museu de Arte Contemporânea de Nova Iorque,
na Serpentine Gallery em Londres;
no MOCA, em Los Angeles;
no Cultural Olympics, em Atlanta;
no Spiral Wacoal Art Center, Tóquio;
no MOMA, em Sapporo; no Museu de Arte de San Diego;
na Universidade Chienku Technology, Taiwan; na Expo 2000;
na UBA e na UNESCO, em Paris; na Live 4 Guangzhou, China; na Infraction, Sète, França e Veneza.
O projeto iLAND foi exibido no MAAT (Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia), em Lisboa; na TheNewArtFest18 na Web Summit e no Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), em Lisboa; na BioArt, em Seoul.

No ano passado, em 2020, pouco antes do confinamento, ela recebeu à volta de 8000 crianças e adultos na sua instalação no Pavilhão do Conhecimento. Posteriormente, PTS Pandemic e sua peça no internacional Forest Art Path Mother Mandala já tiveram 150.000 visitantes. 50 mulheres participaram no seu projeto refletindo as questões ambientais da indústria têxtil e homenageando o vestido como um portador de história e memória.

Regina Frank's work is represented in numerous museums, private collections as well as in many art history books, newspapers and magazines. She has already presented her work in Europe, USA and Asia, with complete projects in:

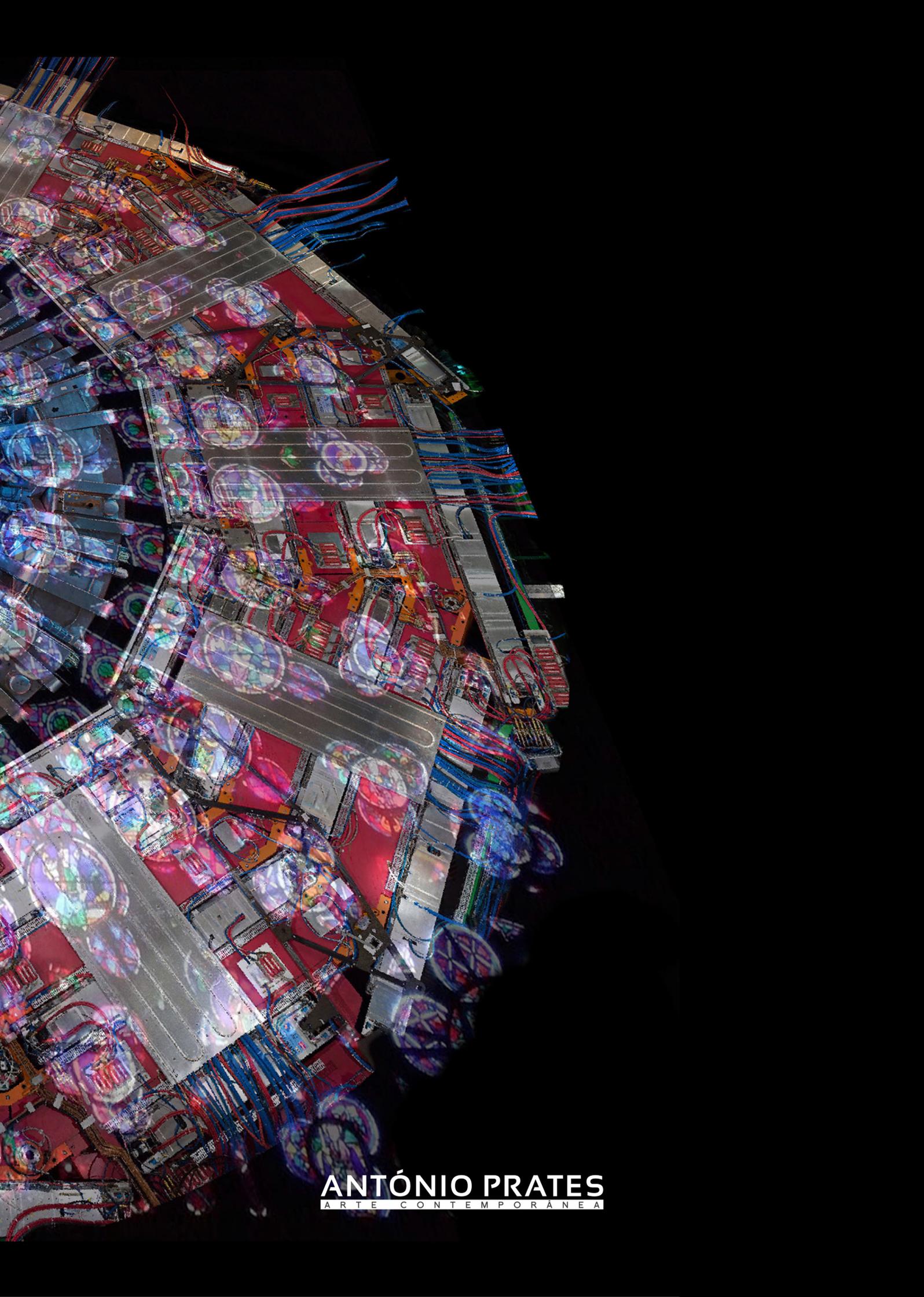
*New Museum of Contemporary Art, New York;
Serpentine Gallery, London;
MOCA, Los Angeles;
Cultural Olympics, Atlanta;
Spiral Wacoal Art Center, Tokyo;
MOMA, Sapporo; Art Museum of San Diego;
University Chienku Technology, Taiwan; Expo 2000;
UBA
UNESCO, Paris;
Live 4 Guangzhou, China;
Infraction, Sète, France and Venice.*

The iLAND project was exhibited at MAAT (Museum of Art, Architecture and Technology), in Lisbon; in TheNewArtFest18 in Web Summit and in National Museum of Natural History and Science (MUHNAC), in Lisboa; in BioArt, in Seoul.

Last year, in 2020, just before the lockdown, she received around 8000 children and adults at her installation in the Pavilhão do Conhecimento. Subsequently, PTS Pandemic and her work in the international Forest Art Path Mother Mandala have already had 150,000 visitors. 50 women participated in her project reflecting the environmental issues of the textile industry and honouring the dress as a bearer of history and memory.

Diretor - António Prates
Organização - Joana Pitta
Assistente - Joana Pitta
Fotografia - Francisco Palma
Tradução - Vanda Oliveira
Editor Galeria António Prates
Impressão e Acabamento Digiset

Deste catálogo fizeram-se 200 exemplares.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação
poderá ser reproduzida.



ANTÓNIO PRATES
ARTE CONTEMPORÂNEA